

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME II

LVI
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NO ENSINO DA INTRODUÇÃO À HISTÓRIA.

(O ensino de Introdução à História na Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Paraíba do Sul (RJ). (*).

MARILDA CORREA CERIBELLI

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Paraíba do Sul (RJ).

I. — INTRODUÇÃO.

A idéia desta despretenciosa comunicação nos veio dos excelentes resultados obtidos no ensino da disciplina “Introdução à História”, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paraíba do Sul.

Nosso objetivo ao redigi-la é somente divulgar nossa experiência, repetida durante três semestres letivos, na aplicação da “Metodologia Científica” ao ensino da Introdução à História (1).

Desejamos deixar bem claro, que esta comunicação não se dirige especificamente aos especialistas em Metodologia Histórica, e sim a estudiosos de Didática da História (2).

As considerações introdutórias serão relativas à disciplina de Introdução à História, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paraíba do Sul, estabelecimento de ensino superior, que fornece licenciatura longa em Letras, Ciências Sociais, Ciências Exatas e Pedagogia.

(*) — Comunicação apresentada na 1ª sessão de estudos, Equipe C, no dia 3 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(1). — A disciplina de Introdução aos estudos Históricos vem sendo ministrada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paraíba do Sul, desde 1971. A experiência narrada nesta comunicação foi realizada nas turmas do 2º período de 1971, 1º e 2º períodos de 1972 e 1º de 1973.

(2). — Não temos a pretensão de indicar aos nossos leitores novos métodos de pesquisa histórica e sim mostrar, como a aplicação da Metodologia Científica, veio facilitar o ensino de Introdução à História.

II. — A FACULDADE E O ENSINO DE “INTRODUÇÃO A HISTÓRIA”.

Nossos alunos são obrigados a passar por um currículo básico, que consta de oito disciplinas introdutórias, entre as quais a de “Introdução à História”, matéria que regemos desde a fundação da Faculdade (3).

Várias são as dificuldades, que os senhores Congressistas não ignoram, para o seu ensino nos Cursos Regulares de História, inerentes à própria problemática da disciplina. Apesar de, neste caso, lidarmos com alunos interessados e já motivados para o estudo da História, nossa tarefa é árdua. O professor é quase sempre obrigado a usar de uma variedade grande de recursos para alcançar o objetivo de sua tarefa. Imaginem, os colegas, o caso específico que focalizamos. A nossa realidade é muito complexa. Tivemos de motivar, turmas de alunos destinados a outras áreas (Letras, Pedagogia e Ciências Exatas), de interesses os mais díspares e antagônicos. Eram turmas heterogêneas quanto ao nível e desinteressadas pela disciplina, por nós ministrada.

Iniciamos nossas aulas dentro deste panorama. Não havíamos tido, em nossos quinze anos de magistério superior, nenhuma experiência, semelhante sequer a esta.

Resolvemos, baseados em trabalho realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, na disciplina de “Metodologia Científica”, despertar o interesse de todos os alunos por nossa disciplina e, não só daqueles que fariam o curso de História, mas dos alunos que se dirigissem também para outras áreas.

*

III. — APLICAÇÃO DA METODOLOGIA CIENTÍFICA AO ENSINO DA INTRODUÇÃO.

A experiência, que nos pareceu válida consiste na aplicação da “Metodologia Científica”, ao ensino da Introdução à História, ou me-

(3). — A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Paraíba do Sul, criada por decreto presidencial nº 69.230, de 21 de setembro de 1971, pertence à Fundação Universitária Sul-Fluminense. O ciclo básico lecionado em dois períodos, consta das seguintes disciplinas: Introdução às Ciências Sociais, Introdução à História, Introdução à Literatura, Introdução à Ciência Experimental, Introdução à Economia, Língua Portuguesa e Estudo dos Problemas Brasileiros e Cultura Brasileira.

lhor, na introdução dos alunos no estudo da Metodologia Científica do forma concomitante ao ensino da Introdução à História (4).

Há, tanto em nosso currículo como nos dos demais da Faculdade de Filosofia, uma séria lacuna, a não existência da disciplina de Metodologia Científica. Julgamos ser ela necessária, não nas Faculdades de Educação, mas em todas Faculdades. Somente por seu intermédio, o aluno se inicia verdadeiramente na pesquisa e adquire elementos para a realização de trabalhos científicos.

Tentamos preencher a lacuna, ao mesmo tempo que motivar os alunos, levando-os a uma aprendizagem, que facilitaria o seu estudo universitário.

a). — *O Programa de Introdução à História.*

Para explicarmos como realizamos o nosso trabalho é necessário a análise do programa da cadeira de Introdução, o que passamos a fazer.

O referido programa consta de três partes a primeira é referente à Propedêutica da disciplina, a segunda à Historiografia e a terceira à Metodologia Histórica (5). Na primeira unidade, procuramos conceituar História e mostrar seu campo específico. Estudar sua concepção através dos séculos, enfatizar o seu caráter científico e a importância do historiador como especialista, chamando a atenção para os desvios em que possa incorrer.

Na segunda unidade, nos limitamos a dar algumas noções de historiografia, especificamente de história da Historiografia. Na terceira unidade, introduzimos o aluno na “pesquisa histórica”, despertando-o principalmente para a necessidade de conservação de nossas fontes históricas.

No estudo de Heurística, procuramos levar o aluno através do método indutivo, a organizar questionários de sondagens, que ele próprio responderá, quando das visitas à Bibliotecas, Museus e Arquivos (6). Neste momento através de várias técnicas de ensino, principalmente, dos Recursos Áudio-Visuais, levamos a turma ao estudo das

(4). — Lecionamos a cadeira de Metodologia Científica na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, onde tivemos ocasião de observar várias experiências de grande importância para o nosso trabalho, realizadas no Departamento de Prática de Ensino da referida Faculdade.

(5). — Vide programa anexo a este trabalho.

(6). — Para maiores esclarecimentos sobre o assunto, vide obra de Berardi, *Didattica della Storia*. O. Giappichelli Editora. Torino. 1966.

ciências Auxiliares da História, que tanto lhes enriquece culturalmente (7).

O curso é dado em quatro aulas semanais, durante um semestre letivo. Logo, todo este programa deverá ser lecionado e aprendido neste curto espaço de tempo.

Pelo exposto acima, todos sentirão a validade das indagações:

1º). — Como lecionar programa tão extenso e complexo para alunos de interesses tão diferentes, sem base e sem nenhuma orientação quanto à pesquisa?

2º). — Como conceituar História, discutir problemas relativos ao seu sentido, objetivo e subjetivo, mostrar a importância do trabalho do historiador, a alunos que nem sequer compreendem o que leem? (8).

3º). — Como pedir monografias ou dar noções de historiografia a alunos incapazes de resumir idéias, de fazer um fichamento e muito menos de organizar um trabalho científico?

4º). — Como falar em busca documental, crítica histórica e interpretação, a alunos que não estão acostumados a raciocinar?

5º). — Como levar os alunos a compreender os processos de elaboração da síntese histórica, se são incapazes de redigir uma simples dissertação, ignorando mesmo a diferença entre monografia e tese?

Como resolver todos estes problemas?

Nossa intenção não era “informar” os alunos teoricamente em relação a problemática da História. Nosso objetivo era bem mais ambicioso. As dificuldades a vencer nos pareciam imensas. Não desejávamos que nosso curso fosse apenas um amontoado de informações teóricas, traduzidas em um avalanche de palavras, que se perderiam por certo, no ar ou nas mentes de nossos alunos.

(7). — Procuramos, além de ministrar noções teóricas sobre as disciplinas auxiliares da História, dar aos alunos algumas noções à respeito de Biblioteconomia, Arquivística e Arquivologia.

(8). — Isto não é privilégio de Paraíba do Sul, esta é uma situação encontrada em várias Faculdades. As dificuldades dos alunos, na realização de trabalhos vem do simples fato de não conseguirem o mais elementar, isto é, compreender o que leem. O grande problema é que vêm do nível médio mal sabendo realizar uma leitura ativa. Como conseguir então destes alunos uma interpretação, se eles não conseguem sequer descobrir as idéias mestras do autor?

b). — *A Experiência realizada nos anos de 1971 e 1972.*

Queríamos prepara-los, é claro, sob o ponto de vista histórico, para compreensão do processo histórico. Mas desejávamos antes de mais nada incentiva-los tecnicamente, para o trabalho de pesquisa sistemática em História, ao mesmo tempo fornecer-lhes meios para seleção de textos e dados pesquisados.

Sentíamos que lhes faltava, em essência, métodos e técnicas que lhes possibilitassem qualquer trabalho universitário ou atividade científica. Era preciso introduzi-los nos trabalhos universitários, nas pesquisas bibliográficas. Era preciso ensinar-lhes como eleger um tema e levantar uma bibliografia. Como retirar dos autores lidos suas idéias principais. Como fazer um fichamento bibliográfico. Como proceder com o material recolhido das leituras e passar a análise crítica dos mesmos. Como, enfim, identificar e redigir trabalhos científicos. Daí surgiu nossa idéia de introduzir no programa, a unidade relativa a “Estratégia de Estudo” (9), que seria desenvolvida paralelamente à unidade Propedêutica da História. Os alunos recebem primeiramente noções teóricas sobre Metodologia Científica e depois aplicam-nas no estudo da Propedêutica da História.

Trabalhamos com duas turmas de Introdução, no 2º semestre de 71. Na turma A aplicamos o processo acima narrado e na outra desenvolvemos simplesmente o programa, sem introduzir os alunos na Metodologia Científica. Os resultados foram muito desiguais e eloquentes. Repetimos a mesma experiência em outras duas turmas. No 1º e 2º semestres de 1972, chegando às mesmas conclusões. As turmas em que aplicamos a experiência ou seja, programa de Introdução, lecionado com a Metodologia, tivemos um rendimento muito maior, revelado nas diversas formas de aferição da aprendizagem.

Nosso objetivo foi alcançado. Conseguimos, sem baixar o nível de nossas aulas, ser entendidos pelos alunos e mais ainda, criar neles uma mentalidade científica, que os ajudaria na Universidade.

*

IV. — CONCLUSÃO.

Tornou-se então fácil, não só a leitura, como a interpretação de textos sobre Propedêutica da História, antes, nem sequer entendidos.

O mais importante porem foi termos conseguido a sua introdução na pesquisa. Não podemos conceber um Curso Universitário sem uma mentalidade científica. A necessidade da aplicação da pesquisa, nos

(9). — Vide programa — Unidade relativa à Estratégia do Estudo.

diferentes níveis de ensino, principalmente no superior é imperioso. Sem ela não haverá criação da referida mentalidade. Consideramos tamanha a sua importância, que ela não deve ser apenas uma técnica de ensino, mas, principalmente uma atitude docente, por meio da qual o professor procurará orientar os alunos no sentido da busca e reflexão (10). Cabe ao Ensino Superior dar aos alunos as possibilidades de desenvolver o espírito de pesquisa, que julgamos ser não só um objetivo do Ensino Superior, mas a expressão máxima da mentalidade científica (11).

Sem a união de ensino e pesquisa não teremos uma escola superior ativa e funcional.

Neste congresso apresentamos um trabalho de pesquisa sobre Três Rios, realizado com a participação de nossos alunos, que estão empenhados também, no arrolamento de fontes primárias dos municípios vizinhos à Paraíba do Sul. Estes alunos só serão introduzidos na Crítica e Síntese Histórica, quando já no Curso de História, possuírem uma melhor preparação cultural e tiverem a cadeira de História do Brasil.

O resultado conseguido portanto no ensino da disciplina de Introdução à História, foi considerado bastante satisfatório, levando-se em consideração, os fatores anteriormente mencionados. Não nos foi ainda possível, a medida da intensidade deste aproveitamento, como pretendemos fazê-lo, através de análise estatística (12).

Notamos evidente formação de uma mentalidade científica resultante da aplicação desta técnica de ensino. A marca de uma formação universitária já se reflete quando:

1.º). — Sentimos o intelecto do aluno fortificado, o seu espírito de ordem desenvolvido (13).

2.º). — Tornam-se mais realistas e suas mentes mais claras.

3.º). — Tomam conhecimento de suas limitações.

4.º). — Observamos que entre eles, os fatos já começam a se sobrepujar às paixões e a razão e o sentido da realidade, dominam os sentimentos e a vontade (14).

(10). — Vide Larroyo, *apud* Nérici, Didática da História, p. 209.

(11). — *Ibidem*, p. 208.

(12). — Sobre a participação de alunos em trabalhos científicos, vide artigo de Cecília Maria Westphalen. Devemos aproveitar aqueles alunos que revelam maior aptidão para a pesquisa, como auxiliares de pesquisa, estagiários ou bolsistas, junto a programas e projetos, recebendo treinamento pessoal e direto da parte dos pesquisadores, que eles participam.

(13). — Vide Nérici, p. 208.

(14). — Vide Larroyo, *apud* Nérici, p. 208.

5.º). — Começam a revelar seriedade na realização dos trabalhos universitários.

6.º). — Tornam-se capazes de pensar e se interessar pelas causas dos fatos.

7.º). — Passam a querer atuar nos fenômenos e não apenas a se conservarem a mercê dos mesmos, tornando-se predispostos à mudanças, mas sem atitudes pré-concebidas.

Conseguimos finalmente através de uma atuação prática (contato direto dos alunos com as fontes históricas), leva-los a uma maior interesse pela nossa disciplina, transformando o nosso ensino de livreiro e teórico, e algo útil não só para a comunidade, como também para os futuros historiadores, que pretendam reconstituir a História do Estado do Rio de Janeiro.

* *
*

PROGRAMA.

1. — *PRELIMINARES:*

- 1.1.1. — Objetivos do Curso.
- 1.1.2. — Planejamento da Cadeira.
- 1.1.3. — Apresentação Bibliográfica.

1.2. — *ESTRATÉGIA DO ESTUDO:*

- 1.2.1. — Técnica de Leitura.
- 1.2.2. — Organização de Resumos.
- 1.2.3. — Técnica de fichamento.
- 1.2.4. — Organização de trabalhos científicos.
- 1.2.5. — Técnicas de Interpretação de Textos.

1.3 — *PROPEDEÚTICA DA HISTÓRIA:* —

- 1.3.1. — *Conceitos de História:*
 - 1.3.1.1. — Significação da palavra História.
 - 1.3.1.2. — Definições de História.
 - 1.3.1.3. — A concepção de História através dos tempos.
 - 1.3.1.4. — Objeto e conteúdo da História.
 - 1.3.1.5. — Caráter Científico da História.
 - 1.3.1.6. — Divisões da Matéria Histórica.

1.3.2. — *A importância da História:*

- 1.3.2.1. — O Prestígio da História nas Diferentes Épocas.

1.4 — *EVOLUÇÃO DA HISTORIOGRAFIA:*

1.4.1 — Dos Primórdios à Época Contemporânea.

1.4.2 — A Historiografia Brasileira.

1.5 — *METODOLOGIA HISTÓRICA:* (A Investigação Histórica).

1.5.1 — Definição e Considerações Gerais sobre o Historiador e os seus Elementos de Trabalho.

1.5.2 — As fases da Metodologia Histórica.

1.5.3 — *Heurística:*

1.5.3.1 — Pesquisa, Identificação e Seleção de Fontes.

1.5.3.2 — Os Arquivos e as Bibliotecas e Museus.

1.5.3.3 — A Metodologia da Heurística.

1.5.4 — *A Crítica Histórica:*

1.5.4.1 — Definição de Objeto.

1.5.4.2 — Crítica Externa.

1.5.4.3 — Crítica Interna.

1.5.4.4 — Metodologia da Crítica.

1.5.5 — *A Síntese Histórica:*

1.5.5.1 — Generalidades — Operações sintéticas elementares.

1.5.5.2 — Metodologia da Síntese.

1.6 — *NOÇÕES COMPLEMENTARES DA HISTÓRIA:*

1.6.1 — O sentido da História.

1.6.2 — A Filosofia da História.

1.6.3 — A Natureza da Convicção Histórica.

* *

*

INTERVENÇÕES.

Da Prof.^a *Nadir Domingues Mendonça* (FUNBA. Bagé. RGS).

Faz indagações bibliográficas sobre o assunto exposto.

*

Do Prof. *Fábio Alves Pereira* (Colégio Arnaldo, Belo-Horizonte).

Pergunta: é válido o estudo de textos no II Grau?

*

Da Prof.^a Hedwig R. Miranda (Paranaguá. PR).

Diz que, como sua Faculdade funciona em período noturno, não teve oportunidade de conseguir dos alunos colaboração em arrolamento de fontes, pois durante o dia eles trabalham em tempo integral. Indaga: a Autora da comunicação poderia dar uma sugestão para a resolução desse problema? Acredita que seus alunos estão motivados?

* * *

RESPOSTAS DA PROFESSORA MARILDA CORRÊA CERIBELLI.

A Prof.^a Nadir Domingues Mendonça.

Afirma que se tem escrito pouco ou quase nada sobre leitura ativa, mas pode lembrar para aqueles que se iniciam nesse campo, o trabalho de Morgan, *Como estudar*, que fornece uma série de técnicas que auxiliam a aprendizagem do aluno, possibilitando-lhe um estudo mais ativo.

Sobre a técnica de fichamento, lembra o trabalho da Prof.^a Violeta Campo Fiorito.

A última obra publicada e a mais completa sobre o assunto é a do Prof. Décio Vieira Salomon, *Como escrever uma monografia*, onde todos os problemas da estratégia do estudo são tratados detalhadamente.

Pode citar ainda obras específicas de Metodologia Histórica, onde se encontram indicações interessantes sobre o assunto, como a de Silva Rego, *Metodologia e Crítica Histórica*, e a de Berardi, *Didattica della Storia* que ainda não foi traduzida para o português.

*

Ao Prof. Fábio Alves Pereira.

Diz que julga ser válido o estudo de textos desde o 1.º Grau. Existem algumas obras, como a da Prof.^a Lidnéia Gasseman e a do Prof. Jaime Pinsky, que fornecem coleções de textos adequados ao nível médio. Os textos usados como técnica de ensino, constituem uma das variantes do procedimento didático.

*

A Prof.^a Hedwig R. Miranda.

Diz que tem também alunos que estudam à noite e que estão motivados para o trabalho de pesquisa. Costuma colocá-los face às nossas fontes, através de visitas realizadas aos sábados em *Instituições religiosas*, onde entram em contacto com a documentação das referidas instituições.